

RESENHA: PRITCHARD, DUNCAN. *SKEPTICISM: A VERY SHORT INTRODUCTION*. OXFORD: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2019.

Italo Lins Lemos¹

Duncan Pritchard é professor de Filosofia na Universidade de Edimburgo. A sua reputação na área de Epistemologia Analítica Contemporânea se encontra consolidada, na medida em que publicou obras importantes tanto para o público especializado, como para iniciantes. De um lado, os seus livros *Epistemic Angst: Radical Skepticism and the Groundlessness of Our Believing* (*Angústia Epistêmica: Ceticismo Radical e a Ausência de Fundamentos das Nossas Crenças*) de 2015 e *Epistemic Luck* (*Sorte Epistêmica*) de 2005 são exemplos de suas contribuições originais para os seus pares epistemólogos. Do outro lado, os seus livros-texto *Philosophy, Science and Religion for Everyone* (*Filosofia, Ciência e Religião para Todos*) de 2017 e *What is this Thing Called Knowledge?* (*O que é essa Coisa Chamada Conhecimento?*) de 2006 são exemplos de suas obras introdutórias sobre a natureza do conhecimento, e se situam no contexto de discussão que emergiu após a publicação do brevíssimo artigo *É Crença Verdadeira Justificada Conhecimento?* de Edmund Gettier em 1963.

O livro que analisarei nesta resenha é o *Skepticism: a Very Short Introduction* (*Ceticismo: uma Introdução Muito Curta*), que foi publicado em 2019 pela Oxford University Press. Como o subtítulo sugere, trata-se de uma obra introdutória que tem como público-alvo estudantes de graduação em Filosofia ou até mesmo indivíduos que não tomam (ou não pretendem tomar) a Filosofia como profissão. Entretanto, contrariando o que o título sugere, a obra não trata do ceticismo em sentido lato, nem consiste em um catálogo de suas variadas subdivisões (como em ceticismo pirrônico e acadêmico), mas é primordialmente acerca de somente uma de suas vertentes: o ceticismo radical. Em função disso, acredito que o título *Radical Skepticism* corresponderia com mais exatidão ao conteúdo do livro em questão.

¹ Doutor em Filosofia pela UFSC. E-mail: italolinslemos@hotmail.com.

Mas ao invés de ser uma história do ceticismo radical, *Skepticism* consiste majoritariamente em uma análise do problema da existência (ou inexistência) de um mundo exterior e os obstáculos que ele traz para a Teoria do Conhecimento. Nesse sentido, Pritchard investiga como esse problema impossibilita as nossas atribuições de conhecimento mesmo em contextos ordinários e, para contornar a consequência absurda e indesejada de que nada sabemos sobre o mundo, propõe estratégias de enfrentamento a esse desafio cético. Como abordarei adiante, as estratégias são o apelo ao senso comum, a caracterização dos desafios céticos como paradoxos, o deflacionismo epistêmico, a noção de que a certeza é um termo primitivo e o apelo a uma formação virtuosa das crenças. Apesar de essa não ser uma obra de história da filosofia, como mencionei anteriormente, o leitor que não está familiarizado com o ceticismo radical aprenderá algo sobre as linhas gerais dos argumentos de filósofos clássicos que apresentaram (como Pirro de Élis e Descartes) ou responderam (como novamente Descartes, Moore e Wittgenstein) a esse e outros desafios céticos.

A obra está dividida em quatro capítulos: o primeiro é intitulado *What is scepticism? (O que é ceticismo?)*, o segundo *Is knowledge impossible? (O conhecimento é impossível?)*, o terceiro *Defending knowledge (Defendendo o conhecimento)* e o quarto *Scepticism as a way of life (Ceticismo enquanto uma forma de vida)*. Farei uma exposição dos conteúdos de cada um dos quatro capítulos, comentando e justificando em que medida os procedimentos didáticos do autor parecem ser bem-sucedidos ou não.

Pritchard afirma nas páginas iniciais do primeiro capítulo que o filósofo cético é aquele que duvida que um determinado sujeito possui boas razões para afirmar ou negar que algo seja o caso. Por exemplo, o cético pode duvidar que tenhamos como assegurar que os eventos futuros serão semelhantes aos eventos passados e, dessa maneira, questionar se seria legítimo acreditar que a minha mão queimaria caso eu a colocasse nas chamas de uma fogueira — afinal de contas, como podemos nos assegurar que o curso da natureza não será subitamente alterado? Em outras palavras, o cético apresenta argumentos que colocam em suspeição a nossa capacidade de conhecer (no nível proposicional) algo sobre nós ou sobre o mundo.

O ceticismo pode ser classificado ao menos de duas formas: localizado ou radical. Ele é *localizado* quando se duvida de algo específico, em contraste com um corpo de conhecimento anterior. Por exemplo, posso ser um cético localizado em relação a horóscopos, na medida em que a minha formação científica me leva a crer que os signos não têm qualquer influência nos acontecimentos de minha vida ou na formação de minha personalidade. Ele é *radical* (ou *generalizado*) quando se duvida indiscriminadamente da nossa capacidade de ter uma crença verdadeira justificada sobre algo. Por exemplo, na perspectiva radical, sequer teríamos condições de saber que Brasília é a capital do Brasil ou que somos falantes da língua portuguesa.

Considero apropriado tecer uma crítica à exposição de Pritchard nesse ponto, pois o autor afirma que o caso paradigmático do ceticismo radical é o negacionismo. Essa constatação me parece ser inadequada. Os negacionistas (no caso da História, também chamados de ‘revisionistas’) são aqueles que vão de encontro às teses aceitas pela maior parte dos cientistas (ou dos historiadores) de uma determinada área. Por exemplo, contra os cientistas, alguns negacionistas não acreditam que a emissão de poluentes e o desmatamento estejam contribuindo para a elevação da temperatura média do planeta ou, contra os historiadores, alguns não acreditam que houve um golpe militar no Brasil em 1964. Mas os negacionistas não apenas *duvidam* que essas proposições sejam o caso, mas as *negam* veementemente. Inclusive, chegam sustentar teses opostas às dos especialistas, que podem ser parafraseadas como “a emissão de poluentes e o desmatamento não têm qualquer relação com o aquecimento global” ou “os militares brasileiros ascenderam ao poder federal em 1964 por vias democráticas” — mas as crenças falsas com más justificações são o oposto do que chamamos de conhecimento. O negacionismo, conseqüentemente, deveria ser classificado não como uma forma de ceticismo, mas como uma espécie de dogmatismo às avessas.

Não obstante, acredito que Pritchard está correto quando argumenta que o ceticismo radical pode ser nocivo na esfera pública. Um ceticismo desmedido pode colocar tanto as opiniões mais absurdas como as teses científicas mais rigorosas em um mesmo patamar, uma vez que nada pode ser conhecido pois todas as crenças carecem de boas justificações. Apesar de o cético estar correto quando argumenta que até as ciências naturais são falí-

veis porque um cientista, por exemplo, pode cometer um erro de procedimento, não é plausível — nem seria saudável para uma vida em sociedade — afirmar que todas as opiniões têm o mesmo valor epistêmico. Um dos objetivos de um epistemólogo é, em função disso, explicar os porquês da atividade científica ser confiável e do negacionismo ser fraudulento.

Mas no que consistem esses desafios céticos? Essa pergunta é respondida no segundo capítulo, quando Pritchard apresenta o experimento mental cartesiano do Gênio Maligno — e a variante de Hilary Putnam do Cérebro em uma Cuba — e os problemas que tal experimento geram ao Princípio de Fechamento Epistêmico.

René Descartes apresenta o experimento mental do Gênio Maligno em suas *Meditações sobre Filosofia Primeira*. É importante salientar, como o faz Pritchard, que o ceticismo cartesiano é apenas metodológico, pois as suas dúvidas céticas são apenas uma etapa de um argumento cuja conclusão é que não posso duvidar que eu existo e sou uma coisa pensante. O experimento do Gênio Maligno consiste na hipótese de que pode haver uma entidade suprema que faz com que todas as nossas experiências sejam ilusórias. Tal gênio, nessa hipótese, pode fazer com que o *laptop* no qual estou escrevendo esta resenha não passe de uma miragem, assim como tudo o mais que me é passado pelos sentidos, pela memória e até mesmo pela razão. É importante destacar que Pritchard desenvolve a hipótese do Gênio Maligno com uma excelente didática, uma vez que remete constantemente a filmes da cultura pop, como *O Show de Truman*, *A Origem* e *Matrix*.

Claro, nenhum cético acreditaria literalmente na hipótese do Gênio Maligno. Não é o caso de que os céticos estão se comprometendo ontologicamente com uma entidade como essa — o que seria pouco cético por parte de um cético. Essa é a razão pela qual chamamos esse experimento mental de *hipótese*. E, enquanto hipótese, resta a pergunta: como podemos saber que não há tal entidade nos iludindo e nos enganando?

Aparentemente não temos como saber que esse não seja o caso. Tal desafio parece inofensivo, mas logo fica evidente como ele pode minar até mesmo as nossas crenças mais cotidianas. Analisemos o Princípio de Fechamento Epistêmico, por exemplo. Suponha que você saiba que o nome da capital do Brasil começa com a letra ‘B’. Se esse é o caso, então você também

sabe que a capital do Brasil não é Montevideú, Santiago ou Quito. O Princípio de Fechamento Epistêmico mostra, portanto, que se um sujeito sabe que uma determinada proposição é o caso e essa proposição implica uma segunda proposição, então o sujeito sabe que a segunda proposição também é o caso — o que parece ser bastante intuitivo.

Mas a hipótese do Gênio Maligno pode comprometer a consistência desse princípio. Como é o exemplo de Pritchard, suponhamos que eu esteja usando uma camiseta. Se eu sei que estou usando uma camiseta, então eu sei que não estou sendo enganado por um Gênio Maligno. Afinal de contas, eu não estaria em uma posição de saber que estou usando uma camiseta se a minha camiseta fosse uma ilusão criada por um gênio. Mas como posso aceitar essa implicação? Como posso ter certeza de que não estou sendo enganado por esse gênio em relação a minha camiseta? Se não tenho como o saber, então o Princípio de Fechamento Epistêmico é inconsistente e, generalizando para qualquer atribuição de conhecimento, nada podemos saber sobre o mundo — o que é um absurdo.

O cético radical então afirma que as declarações a seguir não podem ser todas verdadeiras, ou seja, que ao menos uma delas é falsa: (1) somos incapazes de mostrar que as hipóteses céticas radicais estão equivocadas, (2) o Princípio de Fechamento é válido; (3) Sabemos determinadas coisas cotidianas. Mas, dado que (1)-(3) são todas alternativas plausíveis, encontramos-nos em um impasse.

Pritchard esboça no terceiro capítulo algumas respostas a esse problema. A primeira resposta, em consonância com a perspectiva de G.E. Moore, reside em um apelo ao senso comum. Essa perspectiva sustenta que o desafio cético não interfere em nossas vidas cotidianas. Afinal, vivemos tranquilamente sem nos preocupar com esse tipo de querela. As nossas preocupações diárias são outras, como se estamos ou não com saúde, ao invés de se estamos sendo enganados por uma entidade suprema em relação aos nossos exames médicos. A hipótese do Gênio Maligno, afirmaria um filósofo do senso comum, não nos impede de termos conhecimento em situações do dia-a-dia, como a de saber que agora estou vestindo uma camiseta. O apelo ao senso comum não nega a alternativa (1), mas apenas mostra que ela é ir-

relevante. Ou, ainda, que ela consiste em um mero paradoxo que é inócua na vida comum.

A segunda resposta reside em uma análise do contexto de aplicação do termo ‘conhecimento’. Os céticos radicais exageram nos requisitos que devemos cumprir para sabermos que algo seja o caso, pois exigem que sejamos infalíveis ou tenhamos crenças que sejam indubitáveis. Nesse sentido, basta deflacionar as exigências para que tenhamos conhecimento, i.e., demandar menos que uma infalibilidade do sujeito epistêmico, para perceber que uma crença verdadeira justificada é uma candidata a conhecimento. Nesse sentido, devemos buscar formar nossas crenças de maneira criteriosa e por meios confiáveis — ou, como veremos adiante, virtuosamente.

A terceira resposta, no entanto, é a mais complexa. A partir das contribuições de Ludwig Wittgenstein na obra *Da Certeza*, Pritchard mostra que a terceira via seria a de argumentar que o cético tem uma concepção equivocada da natureza da nossa avaliação racional. De acordo com Wittgenstein, as nossas avaliações racionais são sempre locais ao invés de globais, uma vez que elas tomam a certeza como um pano de fundo primitivo — o que é chamado de “proposição dobradiça” (*‘hinge proposition’*). Nesse sentido, perguntar se tenho duas mãos não é o mesmo que perguntar se há um mundo externo independente de nossas mentes no qual existem objetos que recebem o nome ‘mão’. A questão é feita localmente e, assim, consiste em uma pergunta sobre se sou maneta ou não. Wittgenstein ataca os céticos na medida em que mostra que os seus desafios são *sem sentido* porque, para terem sucesso, devem pressupor a noção de que sabemos algo.

Acredito, no entanto, que Pritchard não deveria ter abordado a resposta de Wittgenstein em um livro introdutório como *Skepticism*. Esse é certamente o único momento em que um leitor principiante pode encontrar dificuldades em entender a linha argumentativa do autor. Não à toa Pritchard trata desse mesmo argumento em maiores detalhes em *Epistemic Angst* — sendo esse um livro recomendado para quem está familiarizado com o estado da arte da Epistemologia Contemporânea. Inclusive, sustento que Pritchard poderia ter trocado uma análise sobre Wittgenstein por uma sobre Hume pois, apesar de os argumentos desses filósofos não serem equivalen-

tes, a perspectiva humeana é bastante intuitiva e está no contexto de discussão do problema do mundo exterior.

O quarto e último capítulo trata do ceticismo enquanto forma de vida, e analisa com atenção o conceito de ‘virtude intelectual’. Seguindo Aristóteles, Pritchard afirma que as virtudes são traços de caráter, ou seja, uma disposição para se comportar de maneira corajosa, generosa, gentil, etc., em determinadas circunstâncias. A virtude no sentido aristotélico se encontra sempre entre dois extremos: os vícios da falta e do excesso — sendo essa a razão pela qual ela é conhecida como “a justa medida” ou “o caminho do meio”. No caso da presente discussão, o ceticismo radical pode ser considerado um vício intelectual (do excesso de dúvida), mas o ceticismo moderado é considerado uma virtude, uma vez que é entendido como um meio-termo entre o dogmatismo (uma insuficiência de dúvida) e o ceticismo radical.

Além do ceticismo moderado, contam como virtudes intelectuais a atenção às evidências, a abertura para ouvirmos argumentos que contrastam com as nossas próprias crenças, a coragem intelectual e a humildade intelectual. Apesar de as virtudes intelectuais não serem uma refutação dos desafios céticos radicais, elas são alguns dos requisitos que devemos cumprir para termos crenças que foram formadas por processos confiáveis. Essas virtudes, espera-se, eliminariam as aspirações relativistas e nos dariam condições de manter tanto uma convicção intelectual, como uma abertura para a reavaliação de nossas crenças cotidianas.

Portanto, *Skepticism: a Very Short Introduction* é uma ótima introdução ao ceticismo radical. A obra é informativa e pode ser facilmente compreendida por aqueles que não estão familiarizados com as discussões mais recentes no campo da Epistemologia.